

EQUIDADE: SABERES E FAZERES NA EDUCAÇÃO E SAÚDE PROMOVENDO A PAZ¹

EQUALITY: KNOWLEDGE AND PRACTICE IN EDUCATION AND HEALTH TO PROMOTE PEACE

Alessandra Calixto², Juliana Maciel de Souza², Maria Fernanda Piovesan Vianna², Patrícia Flores Rocha², Robianca Munaretti², Sirlene Albuquerque² e Miriam Suzéte de Oliveira Rosa³

RESUMO

O artigo relata a iniciação à docência com aplicação de metodologia ativa realizada por sete estudantes, para um grupo multiprofissional de saúde com dezenove alunas do Mestrado Profissional Ensino na Saúde na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de sensibilizar o grupo para o tema educação para a paz. O projeto é inspirado nos fundamentos do livro *Sentipensar*, de Moraes e De La Torre (2004), trabalhado na disciplina de Educação em Saúde para o Sistema Único de Saúde dando suporte para o desenvolvimento da ação pedagógica na lógica da religação dos saberes e do paradigma ecossistêmico. Nele descreve-se a prática e a reflexão de uma ação pedagógica sobre o tema paz e sua relação com a educação e a saúde. Problematisa-se a questão da educação para paz no contexto da formação em saúde e sensibiliza-se para o exercício da equidade como um princípio aplicável no Sistema Único de Saúde no Brasil.

Palavras-chave: educação de valores, metodologia ativa, princípio do Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT

This article explains the introduction to teaching of seven students who apply the active methodology to a multi-professional group of nineteen female students of the Professional Master's in Health Education at the Federal University of Rio Grande do Sul. This methodology aimed at sensitizing the group for education towards peace. The project is based on the principles of the book 'Sentipensar', by Moraes and De La Torre (2004), which was studied in the subject 'Health Education for the Unified Health System' in order to support the development of a pedagogical action that connects knowledge to the ecosystemic paradigm. Practice and reflection upon a pedagogical action based on the peace topic, in the context of Health Education, is found here. Education for peace in the context of Health Education and sensitizing for the exercise of equality as an applicable principle at the Unified Health System in Brazil is raised.

Keywords: teaching values, active methodology, principles of the National Health System.

¹ Trabalho de iniciação à docência.

² Alunas do Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde - Mestrado Profissional - Faculdade de Medicina/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Orientadora. Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde. Mestrado Profissional - Faculdade de Medicina/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: msarievilo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, a saúde é um campo de grandes desigualdades e iniquidades. Assim, é necessário agir para promover e proteger a vida humana e a saúde, não se detendo apenas às necessidades individuais imediatas, das comunidades e relações interpessoais, mas, também, apoiando e incentivando a construção de políticas e projetos. Deve-se evitar a exclusão com uma estrutura guiada pelos valores e referenciais éticos de solidariedade e equidade (SAWAIA, 2001), visto que isso possibilita um entendimento além das causas físicas, mentais e espirituais de doenças, mas, também, das causas político-sociais que provocam, além de doenças, injustiça nessa área.

A responsabilidade pública pela saúde, principalmente dos menos favorecidos, mostra que, quanto mais uma sociedade for baseada nos valores da justiça e equidade, mais deverá rejeitar desigualdades sociais injustas e evitáveis. Uma sociedade justa e igualitária deve, continuamente, estimular a solidariedade coletiva, tendo, como objetivo principal, promover o bem-estar de todos, sem distinção de origem, etnia, sexo, cor, idade, nacionalidade e outras formas de discriminação (PESSINI, 2012).

O conceito de equidade na prática em saúde equivale ao exercício da ética e promove justiça social na medida em que amplia o acesso genuíno, aqui entendido não apenas geograficamente como, também, culturalmente aos serviços públicos. Esse acesso pode gerar novas formas de relacionamento entre servidores e usuários, novos valores, atitudes, comportamentos e modos de vida que previnem a violência e contribuem para resolver problemas por meio do diálogo e da negociação entre as partes envolvidas.

Cabe enfatizar que a paz é um estado de espírito que não é alcançado por instinto, uma vez que resulta de um processo dinâmico que exige do indivíduo uma participação integral (CIDADE SUSTENTÁVEL, 2013).

Considerando que os seres humanos fluem de acordo com as circunstâncias que os rodeiam, torna-se indiscutível que a paz interior depende da qualidade das relações com o meio ambiente e com as pessoas mais próximas, o que justifica a importância de sensibilizar os profissionais quanto a Educação para a Paz.

A construção da cultura de paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução pacífica de conflitos por meio do diálogo, da negociação e da mediação, ou seja, da prática da equidade. Dessa forma, os conflitos são necessários para revitalização, desde que cultivadas metodologias e sentimentos para que os conflitos não sejam resolvidos violentamente. Há a necessidade de separarmos as palavras “conflito” e “violência”, entendendo que conflitos fazem parte “da própria dinâmica da vida” (MORAES; DE LA TORRE, 2004). Para que isso seja possível, é preciso dar ênfase à multiculturalidade, à compreensão da existência de diferentes culturas, de múltiplas realidades e diversas visões de mundo (UNESCO, 2010).

Para pensar em um projeto para paz, é primordial que se tenha o entendimento de que a Cultura da Paz e Não Violência é um tema de interesse mundial. Esse movimento visa um conjunto de valores, atitu-

des, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no respeito, no fim da violência, na liberdade e na promoção da igualdade. Como agressões, acidentes, homicídios e episódios de estresse ou trauma são exemplos de situações em que as pessoas podem estar sujeitas a violência, de alguma forma, essas situações podem trazer impactos significativos não só na área social, mas também na saúde (VERONI, 2012).

Dada à importância do tema, a Cultura da Paz vem sendo objeto de interesse contínuo da Organização das Nações Unidas (ONU), por intermédio das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que defendem que “as guerras nascem do espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser erguidas as defesas da paz”. Em decorrência desse trabalho, defendido por meio da Resolução 52/15, o ano de 2000 é proclamado como o “Ano Internacional da Cultura de Paz”. Nessa mesma linha, a Resolução 53/25, de novembro de 1998, declara que o período entre 2001 e 2010, seria considerado “a década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo” (PUREZA, 2000).

Para a UNESCO, a Cultura de Paz em ação é, acima de tudo, o respeito aos direitos humanos no dia a dia. É um poder gerado por um triângulo interativo de paz, desenvolvimento e democracia.

No Brasil, merece destaque o projeto do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), o qual teve como objetivo minimizar a violência sob todos os seus aspectos e manifestações, assim como expressar condições necessárias para a promoção do convívio social. Promove-se, assim, o desenvolvimento pleno do potencial do ser humano. Ao instituir esse projeto, o CONASEMS assumiu, ainda, o desafio de, a cada ano, abrir um debate que estivesse vinculado à cultura da paz e não violência durante suas conferências (UNESCO, 2010).

Nesse projeto, é realizada uma ampla mobilização de parcerias em todos os municípios do Brasil com o propósito de incorporar os princípios da Cultura e de Paz e Não Violência nas sociedades locais e nas políticas públicas de saúde de cada município.

Cabe ressaltar que a promoção da saúde demanda uma ação coordenada entre todas as partes envolvidas: governo, setor da saúde e outros setores sociais e econômicos, organizações voluntárias e não governamentais, autoridades locais, indústria e mídia (UNESCO, 2010).

O principal objetivo da proposta didática realizada pelos estudantes que elaboraram o projeto de Educação para a Paz foi o de sensibilizar o grupo de colegas para o tema, empregando, para esse fim, discussões e a abordagem do tema e sua relação com o conceito de equidade em saúde, além da introdução de conceitos sobre educação para paz, utilizando, como ferramenta de orientação, dinâmicas de grupo condizentes com a proposta.

EDUCAÇÃO PARA A PAZ, CAMINHO PERCORRIDO

As atividades foram construídas pelo grupo a partir de ideias compartilhadas por meio de experiência e pesquisa sobre o tema “Educação para Paz”. Para tanto, foram consultados artigos

publicados nas bases de dados Scielo, Pubmed, cadernos SUS, revistas eletrônicas de saúde pública e pesquisa oral com profissionais de atuação na área de saúde durante os meses de outubro e novembro de 2013.

SOM E IMAGEM PARA A SENSIBILIZAÇÃO

Quando se pensa numa educação para os sentidos, a sensibilização passa a ser um ponto chave no planejamento. Em consulta ao dicionário, foi verificado que o conceito de “sensibilizar” revela-se como: “comover”, “emocionar” (AURÉLIO, 2013). Com o propósito de sensibilizar e introduzir o tema da Paz, foi feita a escolha dos vídeos que abriram os trabalhos na aula sobre a paz. Num primeiro vídeo, foi apresentada a canção “*Stand by me*”, que foi gravada pelo projeto ‘Playing For Change’, cujo objetivo foi inspirar e conectar o mundo através da música. No projeto, foi utilizada a música como objeto de transformação social, podendo superar as diferenças entre as pessoas (FOUNDATION PLAYING FOR CHANGE, 2013). Neste ponto, foi possível introduzir o tema da equidade, tendo como pano de fundo algo que torna semelhante o conjunto de participantes.

Na sequência, foi apresentada uma proposta pedagógica voltada para Paz. O vídeo utilizado retrata uma escola seguidora da corrente pedagógica neo-humanista, em que a proposta está centrada, desde muito cedo, no fato de as crianças entrarem em contato com a natureza e com seu mundo interior por meio da meditação, das artes e da música.

CONSTRUÇÕES TEÓRICAS E RELAÇÕES COM A VIDA

O momento de construção teórica, com a elaboração de um mapa conceitual, ilustrou o caminho teórico percorrido para se chegar às conclusões apresentadas. Lembramos de Freire (1996), que diz que a teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem a teoria vira ativismo, e que, quando se une a prática à teoria, tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade foi realizada a partir da criação coletiva do mapa conceitual, que “consiste na construção de um diagrama que indica a relação de conceitos em uma perspectiva bidimensional, procurando mostrar as relações hierárquicas entre os conceitos pertinentes à estrutura do conteúdo” (ANASTASIOU; ALVES, 2005, p. 83). A autora refere que esta é uma estratégia que contempla programas de aprendizagem onde predomina o conteúdo teórico, desafiando os estudantes a construir relações que sustentem a rede teórica a ser aprendida. Possibilita, também, a mobilidade e a construção do conhecimento, uma vez que o estudante tem a possibilidade de retomar e complementar o quadro durante o período de realização da atividade, assim como elaborar uma síntese a partir da visão da realidade como um todo. Para a elaboração do mapa conceitual da “Educação para a Paz”, foram utilizadas folhas de papel branco com os conceitos impressos e flechas coloridas para fazer as conexões. A construção do mapa iniciou com

a pesquisa e a cartografia dos conceitos envolvidos nos fundamentos da Educação para uma cultura de Paz. Na sequência, o coordenador da atividade explicava-os, enquanto as folhas eram fixadas e as relações eram ilustradas com as colocações das flechas. Ao mesmo tempo em que os conceitos eram explorados, surgiam do grupo as relações dos conceitos com o mundo do trabalho, da convivência familiar e entre amigos, demonstrando a ligação entre os conceitos e a vida propriamente dita. Na figura 1, está representado o mapa construído durante esta atividade.

Figura 1 - Mapa conceitual da construção da Paz Interior, nas relações interpessoais e no trabalho.



Terminada a construção do mapa, era necessário demarcar as relações entre o que foi debatido até então e a efetivação destes conceitos na vida das pessoas. Neste sentido, a construção do mapa conceitual foi seguida de uma atividade onde os membros do grupo foram convidados a ilustrar a relação entre os conceitos elencados e o mundo do trabalho, tendo a seguinte questão disparadora: “Como estes conceitos podem ser vivenciados no seu local de trabalho?”

Depois disso, a turma foi dividida em cinco grupos, os recursos utilizados foram folhas, lápis de cor e giz de cera. Durante a atividade, utilizou-se uma música ambiental ao fundo. Esta ação teve como objetivo a estimulação da cognição entrelaçada ao emocional, a criatividade, a capacidade crítica de reflexão das realidades vivenciadas no cotidiano e as possibilidades de cooperação, pois “um mundo em paz somente será possível se conseguirmos trabalhar uns com os outros em qualquer atividade que tenhamos que realizar” (MORAES; DE LA TORRE, p. 169, 2004). Estes autores também explicam a necessidade de investirmos em estratégias que estimulem a interação e a participação ativa das pessoas ajudando o *sentipensar* de maneira mais complexa e integrada, a partir de suas vivências no seu cotidiano – neste caso, nos espaços de trabalho.

As ilustrações construídas foram diversas. Dentre as percepções de paz no ambiente do trabalho, foram citadas: as reuniões de equipe, as reuniões fora do ambiente de trabalho, o acolhimento ao usuário, as relações de confiança entre profissionais e usuários e os encontros comemorativos entre os membros de uma determinada equipe. Esta estratégia se assemelha ao que Anastasiou e Alves (2005)

exemplificam como oficina, onde a ênfase da estratégia pedagógica está no espaço de construção e reconstrução do conhecimento.

TRABALHANDO A PAZ NO CORPO E NO CORAÇÃO

Para Moraes e De La Torre (2004), cada um é responsável pelo próprio corpo e que, mudando alguns hábitos de vida, é possível também mudar a configuração do próprio corpo. Hábitos, emoções, sentimentos, pensamentos e estilos de vida estão representados na corporeidade. Um corpo fatigado e estressado fica mais sujeito a doenças. Existem exercícios capazes de diminuir as tensões musculares e expandir a capacidade vital. Estes autores lembram que pequenos e rápidos exercícios respiratórios produzem grandes efeitos, pois cada inalação carrega sempre consigo energia e vida e, assim, quanto mais concentrada e profunda, melhores os resultados.

Weil (1993) considera que um programa visando à experiência pessoal da paz deve começar, inevitavelmente, pelo relaxamento, por meio das técnicas disponíveis.

Nesta lógica, propomos então um exercício respiratório para o grupo. Todos foram convidados a sentar em almofadas no chão de forma a ficarem confortáveis; a iluminação da sala de aula foi diminuída; a mediadora do exercício orientou que todos fechassem os olhos e que atentassem para sua respiração. Por cinco minutos, todos fizeram respirações profundas, sentindo como a inalação expande o abdômen e faz com que seu corpo fique cheio de vitalidade. Já a expiração deixa o corpo relaxado, liberando as tensões que o incomodava.

Segundo Rosa (2012, p. 230), “o sujeito tem que estar consciente de sua própria corporeidade, aprender a se manter centrado em seu próprio corpo, através do processo de respiração consciente, buscando reduzir a atitude responsiva a estímulos externos”.

A atividade respiratória serviu como um preparo para a atividade que foi proposta a seguir: a construção do “Olho de Deus”. Foi proposto ao grupo um momento de introspecção, um momento para “abrir o coração” com o objetivo de estabelecer uma conexão entre pensamentos e sentimentos, um instante para *sentipensar*, para conectar coração e mente e realizar uma ação que produzisse um efeito positivo através da construção de um objeto artesanal, denominado “Olho de Deus”.

Para Durso (2009), o “Olho de Deus” é um artesanato dos povos nativos (índios mexicanos, índios norte-americanos, celtas, etc.) feito à mão, com fios coloridos, que proporciona o equilíbrio, a reflexão, a meditação e a serenidade. É um símbolo de proteção espiritual que, por sua beleza e pureza, tem o poder de dissolver as emanções negativas que, porventura, estejam presentes no ambiente onde for colocado. A indicação é pendurá-lo onde se deseja um olhar divino para maior proteção e amparo.

Inspiradas no que afirma Rosa (2012, p. 238), que “o trabalho em círculo tem por objetivo estabelecer um processo educativo não hierarquizado, onde todos poderão igualmente ser visualizados”, dispomos o grupo de estudantes em círculo.

Uma mediadora explicou a atividade e orientou sua construção. O material necessário para sua confecção foi disponibilizado ao grupo. Utilizaram-se fios de corda e lã coloridos, palitos de bambu e tesouras. A mediadora solicitou a todos que sentissem seus corações e que, enquanto fosse tecido o olho, intenções de amor, respeito, compaixão e paz fossem sendo mentalizadas. Os participantes foram orientados a fazer a seguinte pergunta: o que eu quero para mim?

Losier (2007) diz que a Lei da Atração é a capacidade que temos de, com nossos pensamentos e nossas emoções, criar a realidade em que vivemos. O primeiro passo para fazer com que esta lei trabalhe em nosso favor é ter clareza a respeito do que você quer. Desta forma, todos foram orientados a serem afirmativos nas suas intenções, intensificando o seu desejo com atenção e energia positivas e orientados a não usar a palavra *não*. Este mesmo autor alerta ainda que quando se usa a palavra *não*, continua-se dedicando atenção, energia e concentração àquilo a que está se referindo. Quando se ouvir dizer *não*, perguntem a si mesmo: Então, o que realmente eu quero?

Para estimular a introspecção e harmonizar o ambiente, foi colocado para tocar o CD “Filhos do Vento”, de Daniel Namkhay.

Nesta atividade, optou-se pela estimulação dos sentidos: o auditivo, o tátil e o motor. Para Moraes e De La Torre (2004), o sistema sensorial e o motor constituem o cimento para o desenvolvimento do pensamento verbal e abstrato, possuindo um efeito potencializador no cérebro. A atividade concentrada e a incorporação da música em sala de aula têm múltiplos efeitos nos neurotransmissores, principalmente a dopamina, mais vinculado à criatividade.

REFLEXÕES PERTINENTES

Na avaliação, o grupo apontou que os objetivos da proposta foram alcançados, reafirmando a importância de vivenciar momentos de construção coletiva como esse. Enquanto facilitadoras e orientadoras das atividades colaborativas, o grupo avaliou que essa experiência proporcionou uma conexão maior com o tema, uma vez que foram experimentados e vivenciados: sentimentos, conversas e conceitos com o grupo de trabalho. Também foram registradas as possibilidades inovadoras do método utilizado em sala de aula para ser futuramente aplicado junto às equipes de trabalho, na rede de saúde, assim como nos grupos de educação em saúde vinculados aos serviços.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. In: _____. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5. ed. Joinville: UNIVILLE, p. 67-100, 2005.

AURÉLIO. **Dicionário de língua portuguesa**, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/1m6B6yw>>. Acesso em: 27 nov. 2013.

CIDADE SUSTENTÁVEL. Equidade, Justiça Social e Cultura de Paz. In: _____. **Guia da Gestão Pública Sustentável**. p. 33-40, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/1mzTRds>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

DURSO, A. **Olho de Deus**. Blog Tecendo a vida: astrologia, artesanato e outros. 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/1Th6W5U>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDATION PLAYING FOR CHANGE. Disponível em: <<http://www.playingforchange.com/>>. Acesso em: 27 Nov. 2013.

LOSIER, M. J. **A Lei da atração: o Segredo colocado em prática**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MORAES, M. C.; DE LA TORRE, S. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PESSINI, L. Um grito ético por justiça e equidade no mundo da saúde. **Vida Pastoral**, São Paulo, v. 53, n. 283, p. 22-28, 2012.

PUREZA, J. M. Estudos sobre a Paz e Cultura de Paz. **Nação e defesa**, Lisboa, v. 95/96, n. 2, p. 33-42, 2000.

ROSA, M. S. O. R. Reeducando os sentidos educando a presença. In: CUNHA, J. L.; VICENTINI, P. P. (Org.). **Corpo, saúde, cuidados de si e aprendizagens ao longo da vida: desafios (auto) biográficos**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

UNESCO. **Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo**. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Athena, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/1Jut1Z2>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

VERONI, W. **Cultura de paz e não-violência e a saúde**. Canal Minas Saúde. Notícias. 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1Sb2UgW>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

WEIL, P. **A arte de viver em paz: por uma nova consciência, por uma nova educação**. São Paulo: Gente, 1993.

